



Sayad, que viaja aos EUA, discutiu o plano de emergência com Sarney

## Fechar contas já é preocupação

O Brasil vai aproveitar as conversas informais de bastidores para, na próxima semana, ao longo das reuniões dos comitês interno e de desenvolvimento do Fundo Monetário Internacional (FMI) Banco Mundial, avançar na tese de que o País pode manter fora da renegociação da dívida externa o pedido de novo jumbo, mas quer garantir crédito *stand by*, caso venha mesmo precisar de dinheiro novo para fechar as contas externas deste ano. Os novos renegociadores brasileiros insistem ainda em obter a redução dos spreads - taxas de risco - de empréstimos já contratados, em sua maioria com remuneração aos banqueiros próximo dos 2% ao ano acima dos juros básicos.

Para sentir o clima entre autoridades monetárias e banqueiros presentes em Washington, no sábado, embarca o diretor da área externa do Banco Central, Sérgio de Freitas e, na segunda-feira, o ministro do Planejamento, João Sayad, e o presidente do BC, Antonio Carlos Lemgruber. O Banco Central informou

que a comitiva brasileira não tem qualquer audiência formal com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, ou o presidente do comitê de assessoramento dos bancos credores, William Rhodes, mas ninguém pode negar que a renegociação brasileira será tema predominante nas conversas em Washington.

Segundo técnicos do Banco Central, não procedem as observações de fontes da Fazenda de que o Brasil já cogita de incluir o pedido de jumbo de US\$ 3,5 bilhões na renegociação plurianual da dívida. As fontes do BC também consideraram fora de propósito as projeções de que o superávit comercial deste ano não passará de US\$ 8 a 9 bilhões e que a renegociação da dívida começará da estaca zero.

Essas fontes explicaram que o Brasil mantém o interesse em promover a renegociação plurianual e qualificaram de praticamente acertado a questão do spread de 1,125% ao ano, em média, na rolagem dos compromissos a vencer até 1991. O Banco Central recon-

nhece a inviabilidade de superávit de US\$ 12,9 bilhões na balança comercial deste ano, mas observa que o início da safra agrícola permitirá recuperação das exportações para assegurar saldo positivo bem acima de US\$ 9 bilhões.

Por isso, segundo técnicos do Banco Central, falar em necessidade de jumbo de US\$ 3,5 bilhões ainda é precipitação. O mais razoável será o Brasil pedir crédito *stand by* - dinheiro colocado à disposição para saque em caso de necessidade, para cobrir eventual déficit em conta-corrente capaz de ameaçar as reservas cambiais brasileiras. Essa é uma hipótese considerada pelo Banco Central, assim como o pedido de redução dos spreads de empréstimos anteriores, sob o argumento de que empresas privadas aceitaram o pagamento de até 2,25% ao ano, em razão do risco embutido. Agora, com a garantia plena da União a todas as operações externas, o Brasil quer redução dos spreads compatível com a queda do risco.